UMA DOUTORA NA UNIVERSIDADE E NA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL: CONFLUÊNCIAS

Lígia Egídia Moscardini¹

DOI 10.11606/issn.1981-7169.crioula.2018.152475

RESUMO: Trajetória entre a graduação e a pós-graduação em Universidade pública e exercício da docência.

1. Origens

Neta de operário de fábrica de sapato de Franca, filha de um técnico de som que também precisou trabalhar com sapato, filha de uma professora da rede pública. Era mamãe que ouvia relatos como “professora, tô com fome”, e espalhava os orgulhos e percalços do magistério. Além do mais, morávamos ao lado da escola em que ela trabalhava: bastava atravessar a rua. Sendo assim, já brinquei no chão da escola e com giz em lousa. Também sempre convivi com alunos e professores. E sempre visitava, aos dez anos de idade, a biblioteca enorme da escola, com paredes carimbadas de grandes pensadores, lendo livros “para adultos”. Mesmo sem tantos recursos, havia o incentivo do estudo em casa. Já que não tinha escrivaninha, estudava para as provas da escola e vestibulares na mesa da cozinha. Ou no chão do quarto escutando música clássica para não ouvir muito barulho. Schumann, de preferência. Às vezes, mesmo que bem às vezes, lia livros teóricos de educadores. Não teve jeito: quis ser professora.

¹ Lígia Egídia Moscardini é doutoranda em Linguística pela Unesp/Araraquara, Professora de Educação Básica II da rede pública de ensino e integra militâncias por uma educação pública de qualidade.

2. Mas...você vai ser professora?

Eu gostava de estudar, gostava de escola. Não só pelas origens, mas pelos grandes professores que também me marcaram. Muitos bons, descolados até, com o objetivo de passar o conteúdo. Mas me lembro mesmo é de uma professora do primário, que trazia músicas e histórias para a gente começar a ler. E de um professor de português da sexta série, que sempre perguntava se tinha algo para corrigir e mandou a gente ler obras como *A Revolução dos Bichos* e *O Pequeno Príncipe*. E do impacto que foi quando soube que foi assassinado a pauladas por ser homossexual. Também houve meu professor de português do Ensino Médio, que tinha uma didática de talento e sabia tudo sobre língua e literatura. Me fizeram aprender de fato, não apenas tirar notas altas no boletim.

Por minha origem e por alguns professores de destaque, tomei gosto por estudar, por ler de tudo e escrever poemas e redações. Com isso, algumas pessoas esperavam de mim a escolha por profissões mais desejadas ou disputadas. Não teve jeito: quis ser professora. Então, tentaram aquela pressão social: Mas...você vai ser professora?” “Mas você é tão inteligente”...”Letras? Tem certeza?” Tinha certeza desde os meus catorze anos e falava, para quem quisesse ouvir, que seria professora de português por opção. Não, não estava iludida: sabia da profissão da minha mãe e de todas as formas de desvalorização possíveis. Mas nem as caras de espanto, ou de desprezo, ou de deboche, abalavam a garota de dezoito anos convicta em fazer diferença na educação, pequena que fosse.

3. Mestrado e Doutorado

Desse modo, passar em Letras na Unesp de Araraquara foi a realização de um sonho. Adorava o curso e a formação erudita que ele proporcionou. Mas

percebi que, na minha época, ele tratava pouco sobre a licenciatura. Cursei, então, disciplinas optativas sobre alfabetização, sobre avaliação, sobre educação especial e mesmo um curso de Braille.

Outro ponto é que, antes da graduação, nem sabia que existia “esse negócio de pesquisa”. Também gostava tanto do curso que não tinha uma preferência específica por linguística ou literatura. E agora que eu gostava das duas áreas? Vou para linguística: daria para unir minha paixão pela produção de texto e pela educação. E o melhor: redação escolar em português numa escola indígena! Finalmente contribuiria com quem realmente precisava! Já que era uma modalidade educacional que estava se formando, que buscava autonomia, que buscava uma relação entre língua e cultura e queriam aprender português e produção de texto em língua portuguesa para quebrar a hegemonia dos “brancos”.

Pintura feita em comemoração indígena durante trabalho de campo

Alunos da Escola *Kamadu*, da etnia juruna

Entre Graduação, Mestrado e Doutorado, ministrei cinco oficinas de produção textual para alunos indígenas, quatro delas na escola da aldeia. Já escreveram narrativas transmitidas pelos idosos, elaboraram narrativas, registraram cantigas e receitas de milho e uma carta de repúdio contra a PEC 215.

4. Carreira docente e Doutorado em prática

Mas sabia que podia contribuir com alunos regulares, não apenas indígenas. Assim sendo, fui aprovada em 8º lugar nos concursos de professores do Estado de São Paulo. Agora concilio um Doutorado inteiro com 32 aulas por semanas, sem bolsa de estudo. À parte isso, consigo aplicar a mesma metodologia que utilizo para minha tese nas aulas com eles, principalmente no que se refere à produção textual, objeto de minha pesquisa. Vejo resultados, como alunos escrevendo bem melhor, superando dificuldades, ingressando

em universidades públicas.

Leitura do poema “Morte do Leiteiro”, de Drummond, durante aula.

5. Militâncias

Mesmo com convicção as minhas contribuições, também é certo que a educação passa por inúmeras injustiças. Assim, meu primeiro momento com ativismo na educação foi com a greve de professores do Estado de São Paulo, ocorrida em 2015. Era preciso lutar de alguma forma, mesmo conciliando um emprego com o fim do Mestrado e início do Doutorado. Sempre gostei de ensinar e de escrever, mas estava preocupada em como conciliar tudo. Muitos colegas da escola também tinham restrições nos cargos, e todos sabíamos sobre o corte financeiro em caso de greve. Mesmo assim, fizemos uma paralisação histórica, que durou 90 dias, por um só objetivo em comum: melhorias na educação. Buscar diálogos para isso. Mesmo que isso significasse ficar três meses sem salário.

Um dos primeiros atos de rua ocorridos em Araraquara, durante a greve em 2015

Naquele mesmo 2015, culminou-se as ocupações em escolas estaduais feitas pelos alunos secundaristas, nas quais os alunos lutaram contra a “Reorganização Escolar” que, anunciada pelo então secretário da educação, visava forçar transferências de alunos de uma escola para outra. Os estudantes também reivindicavam melhorias específicas de cada escola ou na educação como um todo. Assim, estive em apoio a uma ocupação realizada na escola Lysanias, em Araraquara.

Alunos e apoiadores na Ocupação da E.E. Professor Lysanias de Oliveira Campos, Araraquara.

Em 2018, vieram mais ofensivas e resistências. Em Abril deste ano, houve a votação da lei Escola Sem Partido em Araraquara. Essa lei pretende enganar a população pelo nome, uma vez que nós professores não fazemos propagandas de partido político em escolas. Com isso, somos surpreendidos com filmagens e fotografias de nossas aulas sem permissão e fora de contexto, para então amordaçarem o pensamento crítico, criando-se “provas” de que determinado professor ensina “comunismo” ou “ideologia de gênero”. Tanto que, nessa mesma época, fui “denunciada” por uma mãe de aluno ao solicitar a leitura da obra *Capitães da Areia*, sob acusação de que o clássico da literatura era uma obra “pornográfica”. Houve denúncias semelhantes com outros professores e a aprovação ou não do projeto na Câmara Municipal neste período. Assim, juntamente com mais professores, fizemos uma audiência pública contra essa ofensiva. Para nossa surpresa, houve um expressivo apoio da po-

pulação e o projeto não foi aprovado na cidade.

Audiência pública contra a aprovação do Escola sem Partido, em Araraquara

Outra das nossas lutas recentes é a alteração da Base Nacional Comum Curricular, que visa alterar o conteúdo que ensinamos na escola e incluir disciplinas, como a de Ensino Religioso. Além do mais, a alteração da BNCC está relacionada à viabilização da (contra)reforma do Ensino Médio, em que querem tornar apenas português e matemática como disciplinas obrigatórias para o Ensino Médio e as outras disciplinas seriam “itinerários de formação”, juntamente com outras disciplinas do ensino técnico. Assim, também realizamos uma audiência pública para debater as alterações.

Realizei a abertura da Audiência Pública sobre a BNCC, em 2018.

Agora estão com muitas outras ofensivas na educação. Estão querendo aprovar a inconstitucional Escola Sem Partido, bem como a BNCC. Mais do que desvalorizados, estamos sendo odiados. Também defendo o doutorado em 2019 e termino de escrever meu livro *Lições de Luta*, que são poemas sobre a carreira docente e a militância na educação. Coisas aparentemente distintas em grande confluência, uma vez que a experiência em sala de aula me proporciona outros olhares sobre a teoria e a prática no doutorado, e ambos exigem

busca por justiça. O que afirmo com veemência é: tudo o que há um giz no meio vale a pena. Deixo um pequeno texto do livro. A luta continua!

AUDÁCIA

Não venhas descrente
A julgar leviano
O meu cotidiano
De olhar sempre à frente

Quando estou consciente
Do meu desengano;
Nada mais humano
Que a contracorrente...

Pois tomo a medida
Tão bem definida
Se alguém me ignora:

Minha voz é erguida,
Meu espaço é a vida,
Meu tempo é o agora.

Submissão: 07/12/2018

Aceite: 08/12/2018